

linhaalinha  
(desenhossexonitos)




Quando Nascimento



A Casa de Leitura Dirce Côrtes Riedel (UERJ) e a editora Kotter  
apresentam a exposição e o livro

linhaalinha  
(desenhosembrutos)



Evandro Mascimento

Curadoria de Marisa Flórido (Iart/UERJ) e  
apresentação do livro por Celia Pedrosa (Letras/UFF)

**De 20 de outubro a 5 de dezembro**

Rua das Palmeiras, 82 – Botafogo  
21 2334 8227 / casadirce.uerj@gmail.com



# *Linha a linha*

## uma Exposição-Escrita



Desde quando começou a realizar trabalhos visuais em 2015, Evando Nascimento resolveu chamá-los de *desenhos-escritos*. Depois vieram as pinturas-escritas, as colagens-escritas e, mais recentemente, os objetos-escritos.

Recolhida em textos de Antonin Artaud, a expressão *desenho-escrito* sinaliza a imbricação das duas formas de inscrição: o desenho e, em princípio, a escrita verbal. A designação tem sem dúvida a ver com o fato de o artista ter se dedicado a maior parte de sua existência até aqui ao ensaio teórico-crítico e à literatura. Todavia, isso não significa uma sobredeterminação da escrita alfabética em relação às imagens produzidas por meio de desenhos, pinturas, colagens e objetos.

Diferentemente, inspirando-se, entre outras produções, nas gravuras chinesas – que ele conheceu no Museu Guimet quando morava em Paris nos anos 1990 e reviu em 2013 na Pinacoteca de São Paulo –, Nascimento busca sempre o equilíbrio entre a palavra e as imagens a elas relacionadas. Escapa, assim, a dois imperativos da metafísica da representação: a *legenda* e a *ilustração* – na primeira, o texto serve a uma ou mais imagens; na segunda, a imagem se submete ao texto, ilustrando-o. Há sempre hierarquia entre uma e outra instância.

Em *Linha a linha* e nos diversos trabalhos que produziu nos últimos anos, imagem e palavra dialogam em pé de igualdade. De modo que à literatura e às artes visuais, se associa também a filosofia como forma de pensar o mundo e, neste, as relações entre os vivos e os não vivos. Não por acaso, algumas das obras presentes na exposição fizeram parte do livro de contos *A Desordem das inscrições* (ed. 7 Letras, 2019), no qual as imagens dialogavam com o texto de forma autônoma, não subserviente. Tal foi o caso de “A Inteligência Artificial” e do “Pássaro-Homem (Olhares Cruzados)”. Do mesmo modo, alguns de seus trabalhos já estão estampados em livros e periódicos, no Brasil e no exterior. O último deles foi a obra recente “A Outra Aquarela do Brasil”, reproduzida na capa da revista internacional *Culture Machine*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. *Culture Machine*, n. 21, *Antropoficciones*: <https://culturemachine.net/archives/vol-21-antropoficciones/>

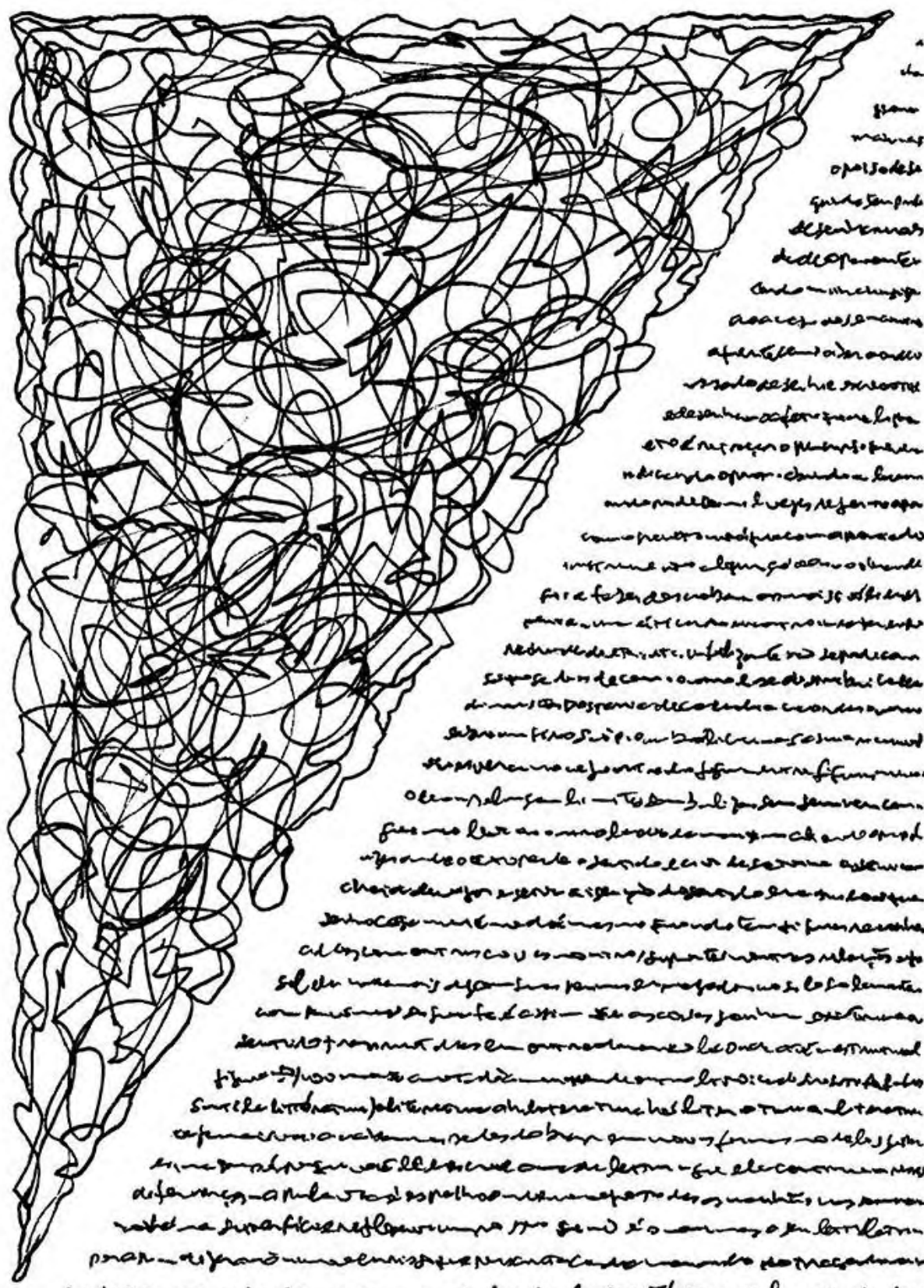
Ocorre também a reinterpretação de ícones visuais, como a célebre pintura de Gustave Courbet “A Origem do Mundo”, devidamente revisitada como mulher-vegetal-escrita. Ou como “O Homem de Vitróvio”, de Leonardo da Vinci, o qual tem a cabeça original substituída por uma de autômato. Já o famoso monólogo do Hamlet “To be or Not To Be” é literalmente retraduzido como “Ser/Estar ou não Ser/Estar”: o original é recopiado na parte superior do desenho e a tradução, na parte inferior; e o príncipe da Dinamarca é “interpretado” por um manequim. Notem-se ainda os “Animais Raros e/ou em Vias de Extinção”, em que o animal realmente ameaçador e ameaçado do grupo está no centro da composição...

Autodominando-se como *anartista*, na linhagem desenvolvida por Marcel Duchamp, Nascimento também designa suas inscrições gráficas como *excritas*, ou seja, como ex-escritas verbais, visto que a centralidade da palavra é sempre posta em questão. Exemplo disso é a série que nomeia como “Arquigrafismos”, alguns deles realizados com caracteres não verbais, portanto assêmicos, inspirados em ideogramas, hieróglifos, grafismos ameríndios e africanos. É o que se pode ver nas obras “(Quase) Ideogramas (Arquigrafismos XI)” e “A Origem das Espécies” (Arqui-grafismos V)”. “Ninho – Cosmografias” e “Alvo Infinito (Arquigrafismos IV)” jogam visualmente com a forma daquilo que tematizam.

Outro tipo de *excrita* é de inspiração orgânica, como é o caso da “Escrita Fúngica”, livremente inspirada nas hifas e micélios dos fungos. Correlata a esta é a “Escrita Corporal”, em que as impressões digitais do autor se inscrevem na folha de papel, ao modo das “mãos negativas”, como são chamadas as impressões rupestres que nossos antepassados deixaram nas cavernas. Esses *traços* e *rastros* se relacionam ao que Jacques Derrida nomeou como *écriture* (escritura / escrita) e *différance*, traços diferenciais produzidos por humanos e não humanos.

As três colagens-escritas fazem parte de uma série iniciada pouco antes da pandemia, em que eram recortadas as mais terríveis matérias sobre a “virose socio-política”, ocasionada pelo governo de extrema direita, bem como sobre o coronavírus. Pintadas com tinta acrílica, as notícias jornalísticas mal podem ser lidas; tal foi o modo encontrado de se fazer o *luto* das enormes perdas no período.

*Linha a linha* foi o primeiro trabalho realizado e de algum modo estrutura o conjunto da produção de Evando Nascimento. Esse *livro de artista* se encontra reproduzido no *livro impresso* e *publicado* pela editora Kotter e lançado simultaneamente à exposição (ver a última imagem deste catálogo).



4  
da  
gano

mainas  
opisolela

quido tempus  
de jentunab

dede opante

Caro - in unguis

aaacep ad se amos

aperitell - oia o adu

ssolo se se hic oia oia

edese hie oia oia que hie

ero de us regno p hie oia oia

ndicryla opor - danda a hie oia

unipadella - i vey, hie oia oia

com - pueris modifracom oia oia

intra me us oia oia oia oia

fi a foza ad us oia oia oia

para - un oia oia oia oia

ad hie oia oia oia oia

esose hie oia oia oia oia

di - un oia oia oia oia

esose hie oia oia oia oia

di - un oia oia oia oia

esose hie oia oia oia oia

di - un oia oia oia oia

esose hie oia oia oia oia

di - un oia oia oia oia

esose hie oia oia oia oia

di - un oia oia oia oia

esose hie oia oia oia oia

di - un oia oia oia oia

esose hie oia oia oia oia

## ***Ler, ver, sentir, pensar – entre escrita e desenho***

Linhas emaranhadas, (in)conformadas em geometrias dentro do retângulo da página, entre a errância do labirinto e seu princípio projetivo, entre a alteridade aprisionada do Minotauro e o fio de Ariadne. Aleph, a cabeça de boi, primeira letra do alfabeto semítico, se tornará a vogal grega – Alpha – e guiará o arado, sobre a superfície-solo-tela, como a mão que porta a pena, o pincel, o estilete, arranhando a parede da caverna, a argila, a pele, o papiro, o papel. *Bustrofédon* (do grego, “ao modo de boi” e “estrofe”) chamou-se a escrita grega nos tempos micênicos, escrita que alternava o sentido do traçado da direita para a esquerda (como o árabe, o hebraico e as escritas orientais) e da esquerda para a direita (como a escrita latina, da grega derivada).

*Linha a linha*, Evando Nascimento grafa com nanquim as páginas de seu livro de artista. Os traços e volteios atrimam a estrutura espacial, com a agitação do gesto que escreve-desenha-dança. Respondem, assim, aos tremores do mundo, a seus tambores e trovões, ao ciclo dos astros e ao fluxo das águas. Em uma das línguas bantu do Congo, os verbos escrever e dançar provêm da mesma raiz *ntanga* (Leda Martins, *Performances da oralidade*). A escrita não é a transposição da fala, são gretas feitas com a mão conduzida pela pulsação do corpo, pela cadência das horas e dos ritmos cósmicos. Sulcos na superfície, por onde flui o “*poema-rio (grafismos ao correr da pena)*”, como desenha-escreve-nomeia o poeta-artista.

Háptico-ótico, o livro de Nascimento se bifurca entre páginas sulcadas à caneta e aquelas de texto digitalizado. Bifronte como o deus dos começos e das transições, suas páginas olham para fora; dobradas, miram-se a si próprias em espelhamento. Jogos de ecos e reflexos, de transparências e opacidades em rebatimento. O texto digital soa como um poema ecrásico; como se ao leitor fosse oferecida a palavra manifesta diante dos abalos da imagem-traço. Mas não, ambas – palavra e imagem – são compêndios de enigmas, trazendo na superfície seus segredos luminosos. Não se trata de meros atritos entre o gráfico e o escritural, o rabisco e o signo, o desenho e a escrita, a imagem e o texto, o visível e o legível. O artista-poeta sabe que tal distinção binária resulta do processo de uma civilização em que a linguagem verbal se converteu no vetor legítimo do pensamento, e a escrita fonética foi esvaziada do valor de imagem, em um alfabeto fonético e abstrato.

A imagem está na gênese da escrita, afirma Anne-Marie Christin (*L'Image écrite ou la déraison graphique*). Em muitas de suas fábulas de origem, a escrita nasce do sonho de se igualar aos deuses, de roubar as cifras por eles depositadas no céu

estrelado ou na terra sulcada, marcadas nos cascos da tartaruga (na China) ou nos fígados de carneiro da Mesopotâmia. São suportes divinatórios, enviando aos homens mensagens visuais do mundo noturno e invisível dos espíritos: o humano aprendeu a ler antes de aprender a escrever. Segundo Christin, foi essa leitura sagrada que levou à invenção da escrita, adaptando-se um modo de comunicação entre mortais e deuses para as sociedades humanas. A imagem grafou, de modo duradouro, sobre superfícies-testemunho, as mensagens a serem recebidas por olhos distantes. Dádiva dos deuses ou privilégio deles usurpado, condenada por alguns, saudada por outros, a escrita traz (é) o gesto de uma desmedida. E, de certo modo, os vários sistemas de escrita são respostas diferentes a tal descomedimento.

O pictograma, primeiro signo escrito em civilizações distintas – da Mesopotâmia, do Egito, da China ou Maia –, escreve o mundo tanto quanto o desenha. Nesse caso, a imagem, o suporte, o intervalo entre os traços não foram subjugados ao discurso verbal, nem uns em relação aos outros. Em vez disso, solicitam pensamento visual ao ler/ver. Para os chineses, quando se desenha-pinta-escreve (são todas artes do pincel, sem hierarquia), medita-se sobre o próprio ato de olhar, convocando-se o corpo-gesto caligráfico a seguir as oito leis da escrita sinalizadas nos oito traços da palavra 永 *Yong* (eterno), cujo radical é *água*.

Os gregos recalçaram a imagem, esvaziando o visível de sua função semântica e social primeira, ao transmutar a polivalência do pictograma e do ideograma nas letras abstratas e fonéticas de seu alfabeto, do qual derivaria a escrita latina ocidental. No entanto, na sociedade do alfabeto, a imagem perdida da escrita ronda-a como um fantasma que a tensiona e emerge em suas artes. Entre ver e falar, a imagem e o verbo, o olho e a palavra, duelaram rivais antigas e “fraternas”: a pintura e a poesia. Dos poemas visuais do grego Simas de Rodes (c.300 a.c.) aos *carmina figurata*, das iluminuras e códices medievais aos poemas cifrados em quadros de Rabanus Maurus, até os labirintos de letras do barroco... a imagem requisitaria a palavra, a palavra clamaria pela imagem.

Na história das artes, essa relação alteraria os termos incessantemente: reivindicaria o mesmo estatuto para as artes irmãs, como os teóricos do renascimento ao reescrever a sentença horaciana *Ut pictura poesis*; declararia suas especificidades, como Lessing e a tradição formalista; trocava de lugar e de materialidades, como Mallarmé e Picasso, Apollinaire e a poesia concreta; exploraria os nexos (arbitrários) entre ver e falar, como fizeram Magritte e Duchamp, a arte conceitual e as instruções Fluxus; e assim por diante. Se o acaso desenhou as páginas de Mallarmé em fulgurações como um céu estrelado, a escrita ganharia os desertos e as águas, como nas linhas da Land Art; a escrita-desenho migrou da página, expandindo-se:



poema-objeto, poema-instalação, poema-cidade. São modos de tecer tramas, contatos, cintilações. De transformar a linha do verso ou o retângulo da pintura, sua métrica ou unidade de sentido, no espaço do extravio, na pluralidade dos sentidos, no labirinto das constelações.

É esse encantamento e assombro que emergem de cada desenho-escrita de Evando Nascimento. O artista-poeta não apenas filia-se a essa hibridização literária-artística, textual-imagética, cruzando as diferentes tradições da escrita e refletindo a complexa relação entre palavra, imagem e desenho, como também fricciona os discursos (científicos, filosóficos, midiáticos) que moldaram o logofono-centrismo, como Jacques Derrida ajudou a desconstruir.

Esta exposição se desenlaça a partir do livro de artista *Linha a Linha*, atraindo para sua órbita alguns de seus desenhos-escritos-cintilações. As *Colagens-Escritas* silenciam as tagarelices dos jornais, sua memória-mercadoria, suas verdades por um dia, nas folhas antes descartáveis, agora dobradas e veladas pela materialidade da tinta. Os sistemas de escrita (re)inventados por Nascimento – as *Escritas SemiAssêmicas*, os (*Quase*) *Ideogramas*, as *Escritas Corporais*, as *Escritas Fúngicas* aqui expostas – atritam o privilégio dado ao verbal sobre o visível, ao abstrato sobre o sensorial, ao humano sobre as demais espécies. Os *Arquiografismos* e demais ícones-textos assemelham-se a páginas arrancadas de bestiários, códices, livros de ciência, literatura ou arte, para habitá-las com cosmografias invertidas, seres híbridos e quimeras, interespecies de viventes e escritas. Deslocam, dessa forma, o humano de seu lugar arrogante e antropocêntrico, no qual se crê o único vivente dotado de pensamento, de sensibilidade e de escrita.

São esses os modos de se aproximar dessa potência de abertura que foi outrora a fronteira porosa entre o visível e o invisível, mas também a superfície sensível dos anúncios e das trocas, onde se operam as metamorfoses do tangível, para desdobrá-las sem cessar: o poema, a arte, a imagem-escrita, des-dobram(-se) (n) o universo, e o universo se abre, doando-se em revelações inesperadas, constelações para reacender, horizontes para existir. A escrita é então apenas uma dança cósmica e vagante: a desmedida de coisas e seres, nas palavras e mais além destas.

**Marisa Flório**

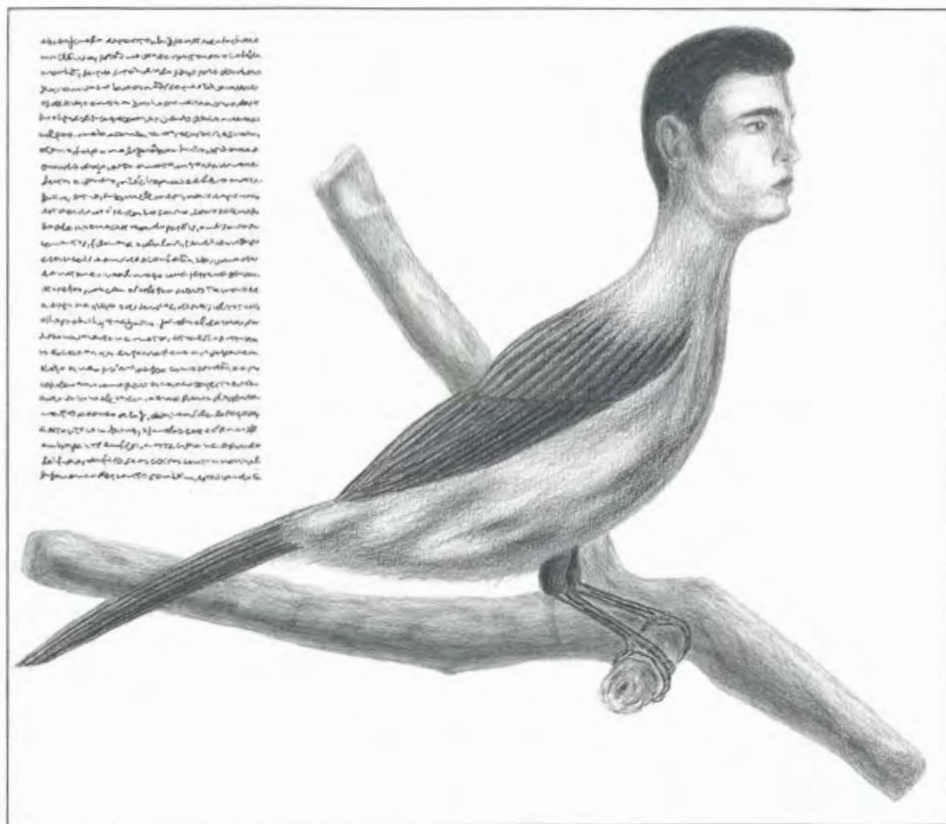
*Curadora*

Primavera de 2022

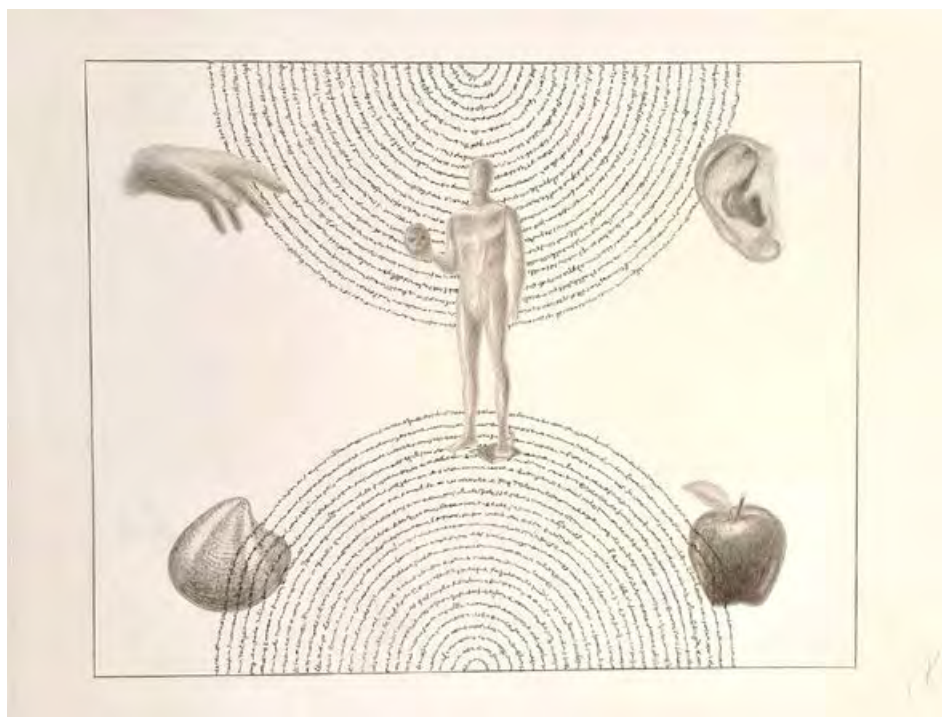
...ceded ... = x ... ..



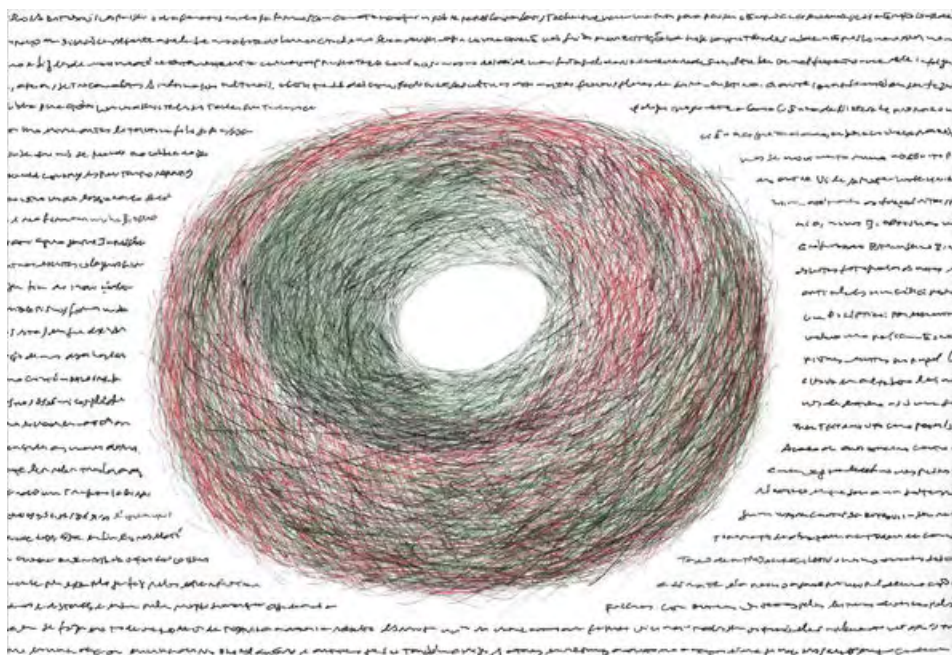
Animais Raros e/ou em Vias de Extinção, 2017  
Grafite sobre papel, 34 x 44 cm



*Pássaro-Homem (Olhares Cruzados)*, 2016  
Grafite sobre papel, 30 x 42 cm



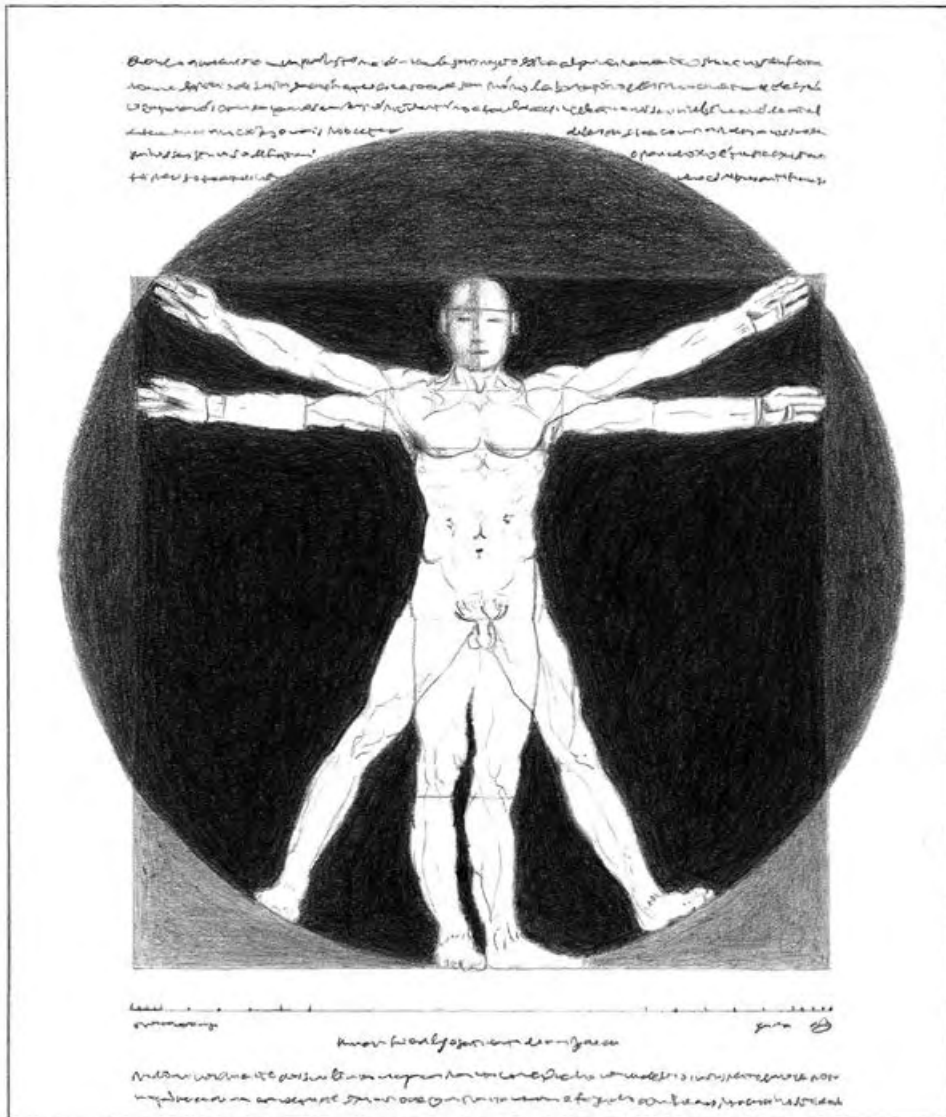
*Hamlet – Monólogo “To be or not To Be / Estar ou não Estar”, 2017*  
Grafite sobre papel, 33 x 45 cm



Ninho – Cosmografias, 2021  
Caneta sobre papel, 33 x 51 cm

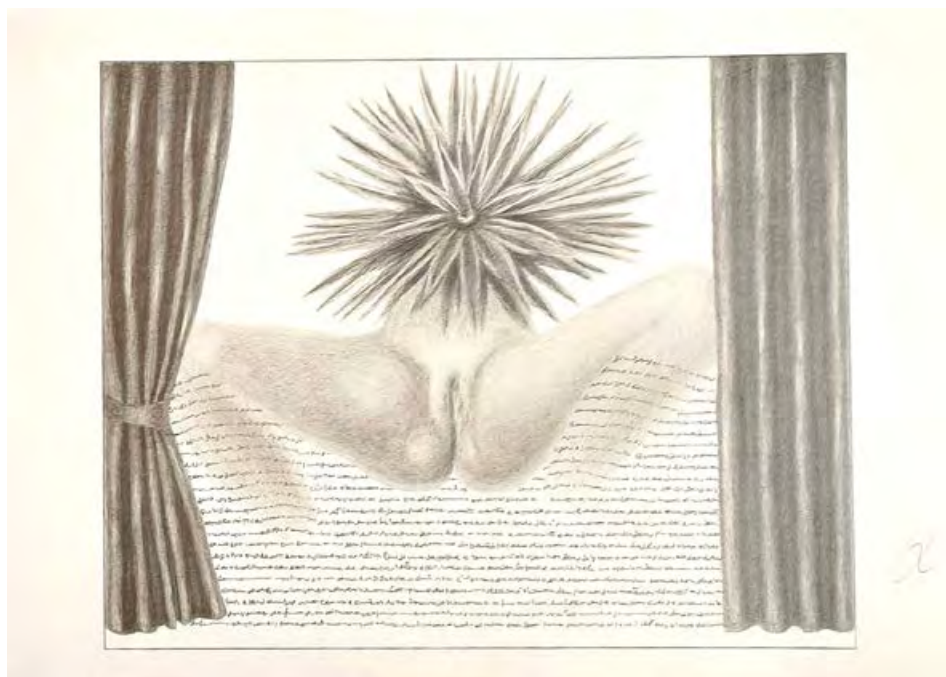


Alvo-Infinito (Arquiografismos IV), 2021  
Caneta sobre papel, 32 x 32 cm

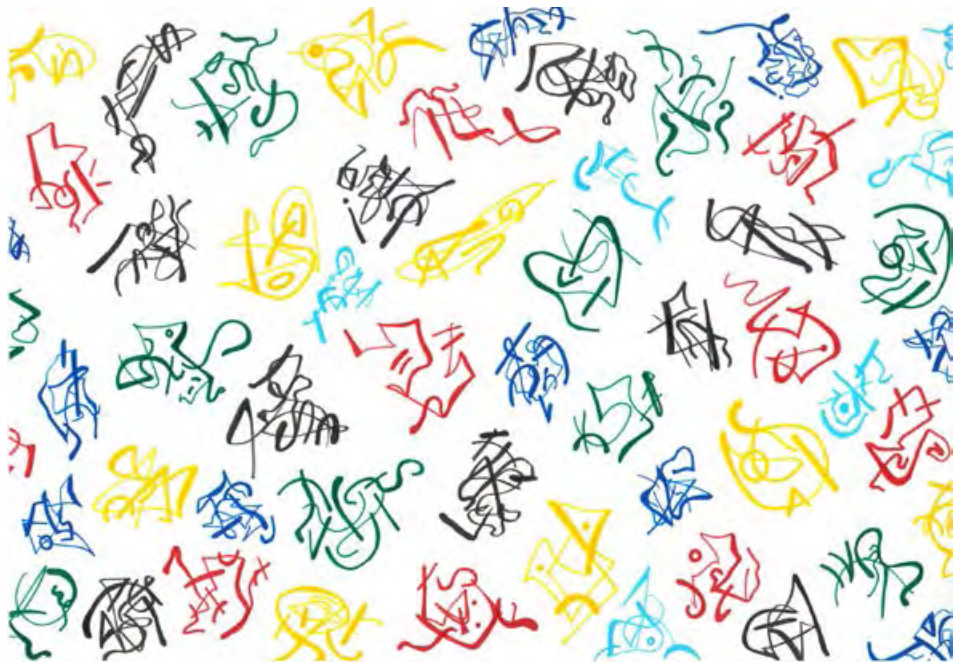


Inteligência Desnatural, 2017  
Grafite sobre papel, 29 x 37 cm





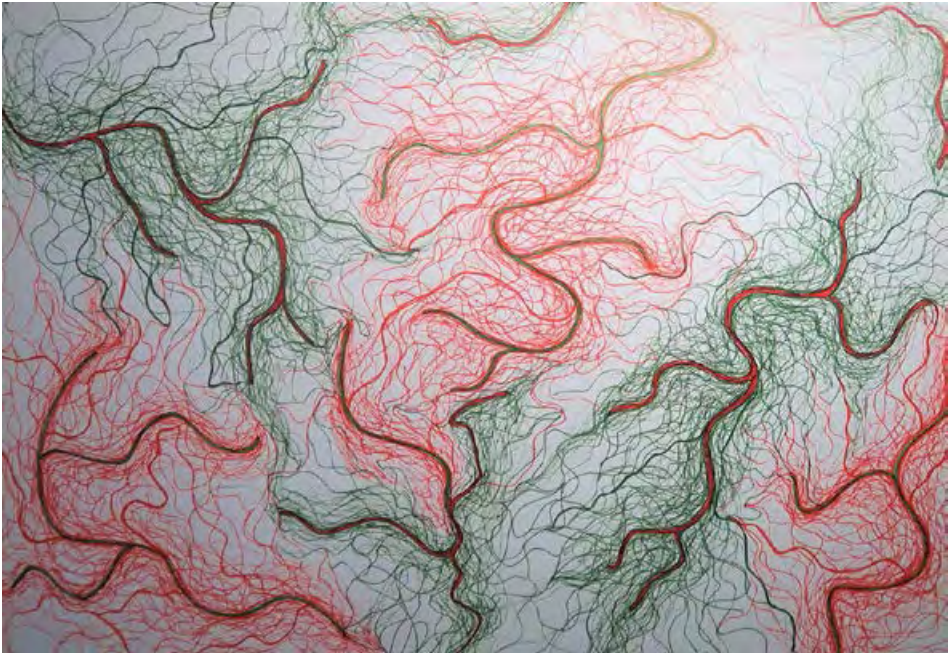
*A Origem do Mundo Revisitada (D'Après Courbet), 2017*  
Grafite sobre papel, 32 x 42 cm



(Quase) Ideogramas (Arquigrafismos XI), 2021  
Caneta sobre papel, 33 x 50 cm



*A Origem das Espécies (Arquigrafismos V)*, 2021  
Caneta sobre papel, 33 x 50 cm



*Escrita Fúngica, 2022*  
Caneta sobre papel, 30 x 42 cm



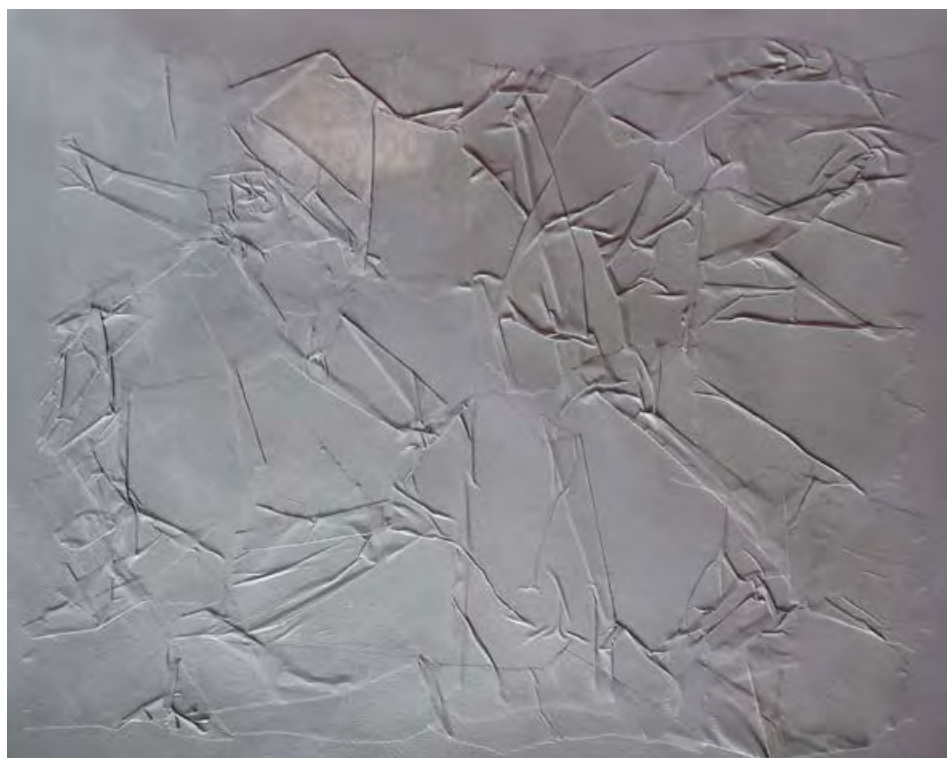
*Escrita Corporal*, 2022

Bastão oleoso sobre papel, 30 x 42 cm



*Colagem-Escrita em Negro, 2020*

Jornal sobre papel, com pintura acrílica, 42 x 60 cm



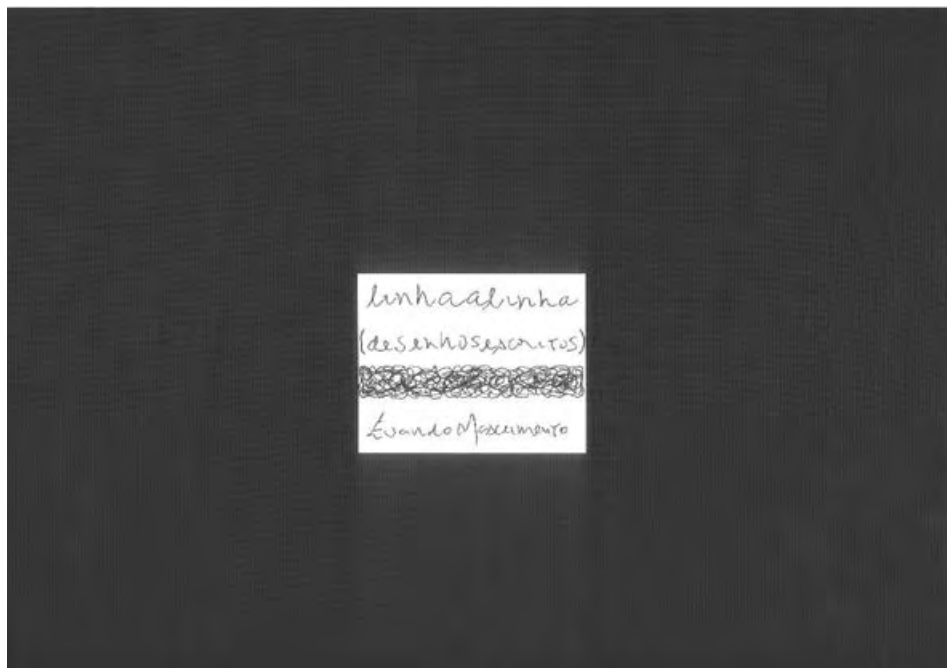
*Colagem-Escrita em Cinza, 2020*

Jornal sobre papel, com pintura acrílica, 42 x 60 cm

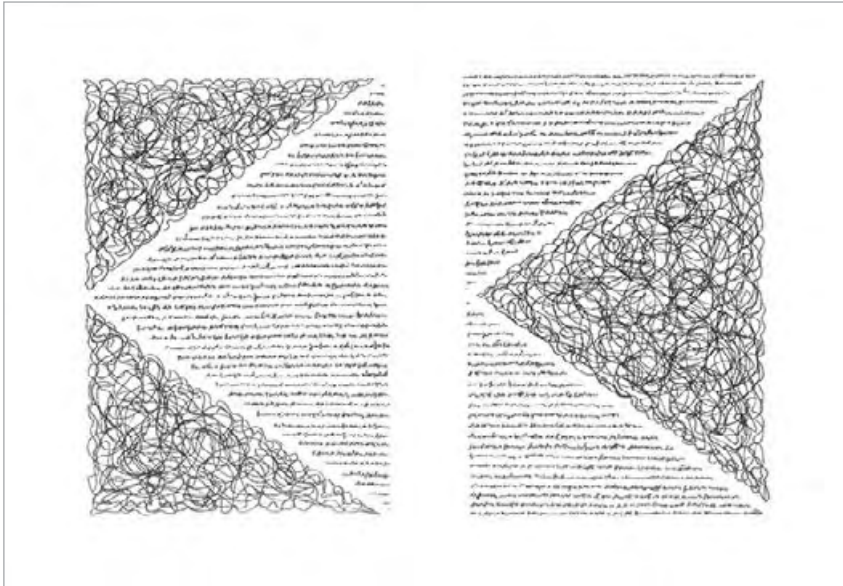
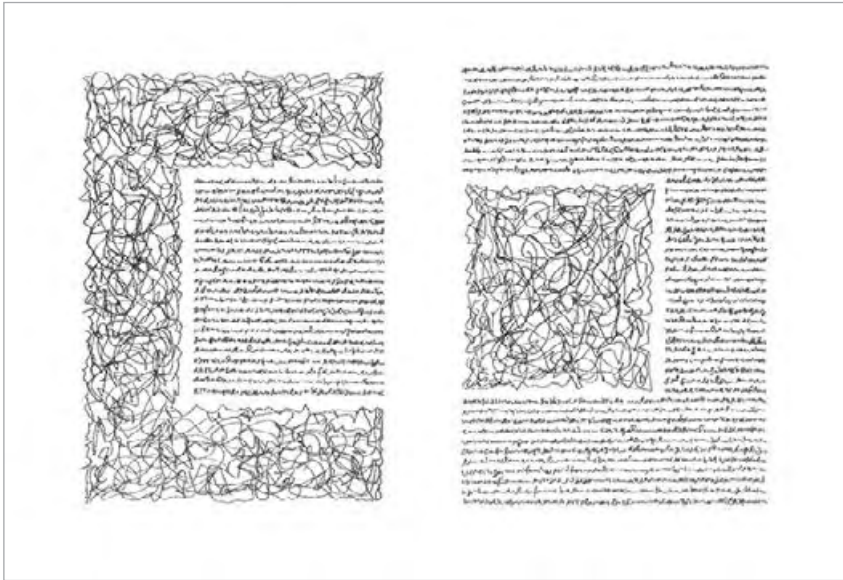


*Colagem-Escrita em Branco*, 2019  
Jornal sobre papel, com pintura acrílica, 42 x 60 cm

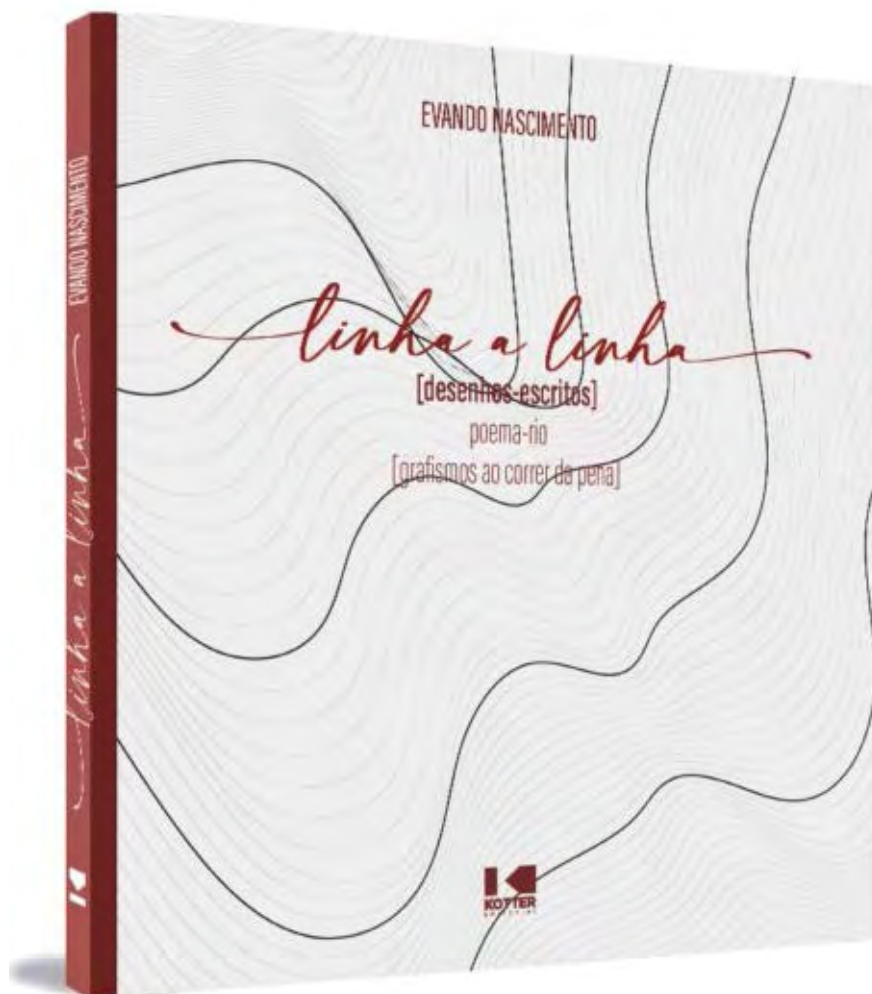




Livro de Artista *linha a linha (desenhos-escritos)*, 2015-2017  
Caneta sobre papel



Livro de Artista *linha a linha* (desenhos-escritos), 2015-2017  
Caneta sobre papel



Livro impresso *linha a linha* (*desenhos-escritos*), com a reprodução do livro de artista e do poema homônimo (ed. Kotter, 2022)



**Evando Nascimento** nasceu em 8 de agosto de 1960, em Camacã, no sul da Bahia, região do cacau. É artista visual, escritor, professor universitário e ensaísta. Na infância, já desenhava “histórias em quadrinhos”, com duas amigas.

Entre onze e dezessete anos, leituras de Jorge Amado (quase todo), Machado de Assis, José de Alencar, Érico Veríssimo, Hermann Hesse (fascínio absoluto pelo *Lobo da estepe*), antologias de Carlos Drummond, Cecília Meireles Vinícius de Moraes. Aos dezessete, teve um choque com *A montanha mágica*, de Thomas Mann, em seguida vieram Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Franz Kafka e muitos outros.

Em 1974, foi estudar em Salvador junto com a irmã e o irmão. Escreveu um romance por volta de catorze anos, *Aberração* – envolto em plástico, o datiloscrito se perdeu numa de suas mudanças dos anos 1980, já no Rio. Ainda adolescente, revelou grande talento para o desenho, mas acabou cursando Letras na Universidade Federal da Bahia, com concentração em Teoria da Literatura – Evelina Hoisel foi grande mestra e amiga até hoje, bem como Eneida Leal Cunha, em literatura brasileira. Realizou mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tendo aulas com Silvano Santiago e Roberto Corrêa dos Santos, orientador e grande amigo. Fez doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante o qual recebeu uma bolsa sanduíche do CNPq, para seguir os seminários de Sarah Kofman sobre Nietzsche, na Sorbonne, de 1991 a 1993. Tornou-se também aluno inscrito nos seminários de Jacques Derrida na École des Hautes Études en Sciences Sociales, onde apresentou trabalho. Defendeu a tese de doutorado em 1995, que se tornaria o livro *Derrida e a literatura* (1ª. ed. EDUFF, 1999; 2ª. ed. 2002). Entre 1993 e 1996, deu aulas de literatura e civilização brasileira na Université Stendhal, de Grenoble. Em 1996, retornou definitivamente ao Brasil.

Organizou o *Colóquio Internacional Pensar a Desconstrução*, no qual Derrida fez sua última conferência, em 2004, na Maison de France, no Rio. Motivo pelo qual deu um testemunho para a biografia do pensador franco-argelino, escrita por Benoît Peeters (ed. Flammarion; no Brasil, saiu pela Civilização Brasileira, com uma introdução sua). Tornou-se amigo de Roberto Machado em 2000, com quem dialogou sobre filosofia, artes, literatura, cinema e plantas até a partida do filósofo em 2021.

Lecionou na Universidade Federal de Juiz de Fora, de 2000 a 2016. Proferiu conferências e cursos em diversas universidades do Brasil e do exterior, tais como Universidade de São Paulo, Manchester University e Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso. Em 2007, realizou um pós-doutorado em filosofia na Universidade Livre de Berlim, supervisionado por Winfried Menninghaus, grande especialista de Walter Benjamin, com bolsa da Fapemig e do DAAD alemão. Em 2017, foi realizado pela Pós-Graduação em Letras e pela Casa de Leitura Dirce Côrtes Riedel da UERJ, com organização de Nabil Araújo, o colóquio internacional *A Solidariedade dos vivos e o perdão: Jacques Derrida / Evando Nascimento*. O livro do encontro foi publicado em 2021, pela editora Alameda, com o título de *Sobre o perdão e a solidariedade dos vivos: Diálogos com Jacques Derrida e Evando Nascimento*.

Embora tenha escrito e publicado alguns contos ao longo das décadas, seu primeiro livro de ficção saiu apenas em 2008: *Retrato desnatural: diários 2004-2007*, pela editora Record; é um volume experimental, com diversas referências às artes visuais. Desde então publicou mais quatro livros ficcionais, porém tem ainda diversos inéditos: *Cantos do mundo* (ed. Record, 2010), *Cantos profanos* (Globo, 2015), *A desordem das inscrições: contracantos* (ed. 7 Letras, 2019) e *Diários de Vincent: Impressões do estrangeiro* (ed. Circuito, 2021). Mais um está sendo lançado junto com esta exposição: *Linha a linha*, pela editora Kotter – um livro duplo experimental, contendo a reprodução do livro de artista feito a caneta nanquim sobre papel Canson e um poema em prosa a ele vinculado.

É autor e organizador de diversos livros de ensaio, alguns traduzidos no exterior: *Ângulos: literatura & outras artes* (EDUFJF / Argos), o citado *Derrida e a literatura* (3ª. ed. É Realizações, 2015, edição argentina La Cebra, 2021), *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (ed. Civilização Brasileira), *La Solidarité des vivants et le pardon* (com textos de Jacques Derrida e seu, ed. Hermann, 2016) e *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas* (ed. Civilização Brasileira), entre outros. Dirige a Coleção Contemporânea: Literatura, Filosofia & Artes, pela editora Civilização Brasileira. Foi um dos curadores da Festa Literária de Paraty (FLIP) 2021, “Nhe’éry, Literatura e Plantas”.

Em agosto de 2020, foi realizado um colóquio internacional em homenagem aos seus 60 anos, por iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Letras e da Casa de Leitura Dirce Côrtes Riedel (UERJ), bem como do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (UFBA). Organizado por Cássia Lopes, Evelina Hoisel, Wallysson Soares e Victor Coutinho Lage, o livro do colóquio foi publicado em 2021, com o título de *Caleidoscópios: 60 anos de Evando Nascimento* (EdUFBA), e pode ser baixado gratuitamente no link: [file:///C:/Users/evand/Downloads/Caleidoscopio-repositorio%20\(7\).pdf](file:///C:/Users/evand/Downloads/Caleidoscopio-repositorio%20(7).pdf)

Nos cinco anos em que residiu na França, adquiriu vasto conhecimento de artes visuais, visitando os grandes museus da Europa. Em 2006, fez uma viagem a Nova York, especialmente para visitar a exposição Dadá no MoMa. Aproveitou para visitar o Museu da Filadélfia, a fim de conhecer a sala de Marcel Duchamp, uma de suas maiores referências, junto com Hélio Oiticica, Lygia Clark e Rubem Valentim.

Em 2015, entrou para a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, onde realizou cursos de desenho com os artistas Chico Cunha e Suzana Queiroga. Frequentou também o ateliê de Fred Carvalho, artista e professor da Escola de Belas Artes da UFRJ, além de ter orientação artística com Carlos Eduardo Felix Costa, o artista Cadu, professor do Departamento de Artes da PUC-Rio.

Por associarem as artes à *escrita* filosófica, literária e existencial, seus trabalhos recebem designações como *desenho-escrito* (expressão colhida em Antonin Artaud), *colagem-escrita* e *pintura-escrita*. *Excrita* (ex-escrita verbal) é um termo que costuma também associar a seus inventos visuais. Esta é sua primeira exposição individual.

# ***Linha a linha***

exposição e livro de  
Evando Nascimento

FICHA TÉCNICA

Curadoria

Marisa Flórido (UERJ)

CASA DE LEITURA DIRCE CORTES RIEDEL DA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Presidente

João Cezar de Castro Rocha

Coordenadores

Renato Cesar Casimiro Lopes

Suzana Cardoso

Assistentes Administrativos

Gilberto Assemany

Karla Fuentes Loureiro

Rafael Cunha de Miranda (Carol)

Apoio

Caroline da Franca Ribeiro

Bolsista Proatec

Maria Inês Freitas de Amorim

*Design do e-flyer e do catálogo*

Lu Martins